

*O Corvo e a raposa: Ainda nos Bastidores da sessão**

MARION MINERBO **

I

Em 1846 Edgard Allan Poe publicou *A Filosofia da Composição* (8) artigo que revela os bastidores da criação poética utilizando como material seu próprio poema *O Corvo* (*The Raven*) escrito em 1845. Seu objetivo era “tornar manifesto que nenhum ponto de sua composição se refere ao acaso ou à intuição, e que o trabalho caminhou, passo a passo até completar-se, com a precisão e a seqüência rígida de um problema matemático”. Vale a pena transcrever um trecho.

“Muitas vezes pensei quão interessantemente podia ser escrita uma resenha por um autor que quisesse - isto é, que pudesse - pormenorizar, passo a passo, os processos pelos quais qualquer uma de suas composições atingia seu ponto de acabamento. Por que uma publicação assim nunca foi dada ao mundo, é coisa que eu não sei explicar, mas talvez a vaidade dos autores tenha mais responsabilidade por essa omissão, do que qualquer outra causa. Muitos escritores - especialmente os poetas - preferem ter por entendido que compõem por meio de uma espécie de sutil frenesi, de intuição extática, e positivamente estremeceriam ante a idéia de deixar o público dar uma olhadela por trás dos bastidores, para as rudezas vacilantes e trabalhosas do pensamento, para os verdadeiros propósitos só alcançados no último instante, para os

inúmeros relances de idéias que não chegam a maturidade da visão completa, para as imaginações plenamente amadurecidas e repelidas em desespero como inaproveitáveis, para as cautelosas seleções e rejeições, as dolorosas emendas e interpolações...”

Poe prossegue dizendo que inicia um poema pelo fim, quer dizer, considerando o efeito que deseja provocar no leitor. Procura em primeiro lugar, qual a extensão do poema que melhor lhe permitiria atingir o efeito desejado. Para Poe, o poema deve emocionar, e “todas as emoções intensas, por uma necessidade psíquica, são breves”. A extensão conveniente para *O Corvo* seria em torno de cem versos. Em segundo lugar, procura qual efeito seria apreciado tanto por um público amplo quanto pela crítica. O efeito procurado é da natureza de uma intensa elevação da alma, (não da inteligência ou do coração) por meio da Beleza. O tom emocional mais propício para o Belo, em sua experiência, é a Tristeza. “A melancolia é o mais legítimo de todos os tons poéticos”. Em seguida mostra ao leitor como e por que escolhe o refrão, a sonoridade das palavras, as idéias que seriam por elas veiculadas, por qual razão escolhe um corvo etc. O passeio pelos bastidores de *O Corvo* é fascinante.

* Artigo publicado na Revista Brasileira de Psicanálise, Vol XXV, nº4, 701 - 719

** Psicanalista, Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

Gostaria de ressaltar dois pontos deste artigo que têm íntima relação com o trabalho psicanalítico.

Em primeiro lugar, este belo poema que indubitavelmente atinge seus propósitos de tocar-nos emocionalmente é o resultado de uma integração harmoniosa - é isto o que entendo por Arte - entre precisão técnica por um lado e sensibilidade e criatividade por outro. Tenho a impressão de que a integração destas duas áreas, seja por preconceito, seja por ideologia, oferece alguma dificuldade para nós, analistas. Sérvulo Figueira(2) nos mostra como os grandes criadores em psicanálise, os que hoje consideramos autores consagrados, aliavam uma extrema sensibilidade clínica a um considerável lastro teórico e a um rigor metodológico. Este amálgama pode ser, até certo ponto, decomposto, permitindo que um aprendiz de poeta (e de analista) tenha acesso aos mistérios do processo criativo.

Em segundo lugar, é notável que o poema se inicie pelo fim, quer dizer, pelo efeito que o autor deseja produzir no leitor. Poe nos diz que o poema deve emocionar.

E qual seria o efeito que desejamos obter com a interpretação? Ao longo da história da psicanálise várias respostas têm sido dadas a esta questão, segundo as diferentes concepções teóricas de aparelho psíquico, dando origem às variações técnicas que conhecemos. Se entendermos o "emocionar" a partir de sua raiz etimológica - colocar em movimento - talvez possamos dizer, de um ponto de vista operacional, (afastando-nos provisoriamente das concepções teóricas) que também a interpretação visa emocionar.

Colocar em movimento as auto-representações (4), ou simplesmente "desencadear um novo trabalho psíquico no paciente" (1) - é esta a concepção de interpretação que norteia este trabalho. Conseqüentemente, interpretação é o conjunto das falas do analistas que produzem um efeito cumulativo ao longo do processo analítico. A este efeito Fabio Hermann tem chamado ruptura de campo (4). Com isto, o paciente adquire maior mobilidade psíquica e revela-se tanto para ele como para o analista, as determinações de tal movimentação, o inconsciente.

II

O presente trabalho é uma ampliação dos mesmos

temas tratados anteriormente em "Nos bastidores da sessão: sobre o trabalho de construção da interpretação" (7). Questionava então o que seria uma interpretação, o que objetivamos ao interpretar, como fazemos para interpretar. Conhecer a essência do que fazemos poderia ajudar-me a metabolizar os modelos inicialmente imitados para tentar ser mais livre no trabalho clínico.

Os questionamentos nasciam da constatação de diversos estilos de trabalho, cada qual fundado numa teoria, e que respondiam de maneiras diferentes às questões acima colocadas. Além disto era evidente uma cisão entre estilos interpretativos ditos mais "técnicos", que partiam de noções teóricas precisas e explícitas, e estilos interpretativos mais "soltos", ditos mais afetivos e aparentemente menos comprometidos com alguma teoria. Procurava superar esta dicotomia que me parecia senão falsa, pelo menos bastante superficial. Meu argumento era de que há uma captação sensível do tema presente no discurso do paciente e também uma elaboração reflexiva pré-consciente no processo de interpretar. Não como movimentos diferentes, mas um único que podemos tentar decompor para conhecer como é feito. Esta idéia é bastante próxima da acima exposta por Poe sobre os bastidores do processo de criação poética.

O efeito imediato da interpretação sobre as auto-representações da paciente durante o diálogo analítico já era de meu interesse. Cito um pequeno trecho do trabalho onde analiso mais detidamente o efeito da minha primeira interpretação. "... Gostaria de ressaltar que a segunda fala da paciente leva em consideração (a nível inconsciente) dois aspectos de minha interpretação: traz exemplos de duas situações que não se resolvem com lógica, tendo-se rompido, portanto, o campo de pressupostos da primeira fala (que tudo se resolve com lógica), estando aberta a uma nova versão. E em segundo lugar confirma o tema proposto pela interpretação, trazendo aspectos de si própria, representados pelos filhos, fora de seu controle (loucura): não coma chocolates!, e, contra qualquer lógica ela os come.

Outra questão levantada diz respeito à natureza do trabalho da analista nos bastidores. "Esta elaboração, aqui ampliada para a apreciação do leitor teve lugar de forma fugaz, condensada. Talvez o termo mais

adequado seja uma reflexão pré-consciente. Consiste mais precisamente num impacto apreendido instantaneamente, esteticamente, num misto de sentir e pensar, onde se agregam forma e conteúdo, idéias e imagens, impressão subjetiva e elaboração reflexiva”.

Por fim, há uma breve menção ao estilo interpretativo. “Com esta paciente dei-me conta de uma especial dificuldade na formulação da interpretação. Isto porque seu estilo de discurso (narrativo), tende a provocar na analista o uso de um estilo igualmente lógico e narrativo na formulação da interpretação. Liberman chama a isto estilo simétrico de interpretação, tendo como efeito reforçar sua auto-representação...”

Em *O Corvo e a raposa: ainda nos bastidores da sessão* procuro ampliar estas três idéias:

- o efeito da interpretação
- o trabalho do analista nos bastidores
- o estilo do trabalho interpretativo

III

Transcrevo abaixo uma sessão de feitiço talvez pouco usual, e depois procurarei comentar algo a respeito do trabalho da analista nos bastidores.

Carla tem uns quarenta anos, está em análise há pouco menos de um ano, quatro vezes por semana. Fez dez anos de terapia na linha existencial. Queixa-se de dificuldades de relacionamento em geral, e especialmente com homens.

P- É, eu tive uma pequena recaída, pedi novamente dinheiro para o meu pai. Mas desta vez não houve escândalo.

O fim-de-semana foi agradável, fui à chácara do Zé. Tive que pedir emprestado o carro do meu cunhado, o meu não estava licenciado. Foi gostoso, simples, sem expectativas que algo fantástico acontecesse. Curtimos, conversamos.

Também estou melhorando profissionalmente. Recebi convites para dar aula nas faculdades A e B. Não era exatamente o que eu gostaria, mas é um começo.

A- Está contente...

P- É meio babaca estar contente por tão pouco. Afinal, com o Zé, podíamos ter transado, podia ser mais constante...

A- Contente, babaca...

P- Ah, mas não está pesado para mim. Só falei que era babaca para mostrar que não perdi o senso crítico. Na verdade, meus relacionamentos familiares estão mais agradáveis, o arco está menos tenso. Se ser babaca me deixa mais contente, então quero ser babaca. Meu cunhado reclamou que eu devolvi o carro sujo, eu nem me ofendi. Deixei passar. Estou menos tensa.

A- Que medo de perder o senso crítico!...

P- Pois é... Mas hoje eu lembrei de mariposa. (Certa vez contou que entrou uma mariposa enorme e horrível em sua casa que esvoaçava por todos os cômodos, e ela foi refugiar-se no quartinho de empregada). Vi outra mariposa no terraço, e antes que ela entrasse fechei correndo a janela. Desta vez a raposa não entrou.

A- Raposa? Dizem que é um animal muito esperto...

P- Não sei porque disse raposa. Tem o mesmo som de mariposa... Achei-me esperta por fechar a janela? Não estou entendendo mais nada.

A- Você bem que queria deixar a raposa para fora. Ela é esperta, mas se entra no galinheiro come as galinhas, os pintinhos...

P- Pronto, fiquei burra. Não entendo mais.

(Inicia uma série de auto-questionamentos obsessivos do tipo “será que é isto? será que é aquilo? porque faço assim? porque faço assado? procurando compreender de maneira unívoca exatamente a que eu me referia, tentando sair da “burrice”).

A- Entrou a raposa...

P- (Silêncio). Sabe aquela conversa que tive com o Jairo sobre nossas escolas? (Tanto ela como Jairo são donos de “escolas” que se deslocam até as firmas para ministrar aulas). Foi um desfile de esperteza de ambos os lados. No dia seguinte ligou uma firma pedindo aulas, mas não vou poder atender. Eles querem que eu forneça o local, mas eu não tenho estrutura para isso. A primeira coisa em que pensei foi passar o cliente para o Jairo. Percebi que era pura vaidade querer mostrar para ele que não preciso, que até dou meus clientes para ele. Afachei que era burrice. Pelo menos devia tentar tirar algum proveito disto.

abriu o bico para cantar a pedido de não sei que bicho, e ficou sem queijo?

P- A raposa!! Mas eu nem sei se corvo come queijo. Eu não posso atender a firma.

A- É verdade. Quem tem estrutura é o Jairo, quem tem dinheiro é seu pai, quem tem carro licenciado é seu cunhado.

P- (Tenta argumentar que ela não tem onde dar aulas, que isto nada tem a ver com seu pai ou seu cunhado. Esgotados os argumentos, pensa um pouco e diz:)

Eu tenho uma amiga para quem eu poderia passar este cliente. Já passei outros para ela. Mas eu quis passar para o Jairo porque ele é homem. Porque será?

Esta sessão, propositalmente diferente do que costumamos encontrar em trabalhos que apresentam material clínico, é paradigmática de um estilo de trabalho que se encontra mais frequentemente em meu horizonte do que em meu cotidiano. Digo estilo e não técnica pois a maneira de trabalhar apresentada serve para esta pessoa nesta fase da análise, não cabendo a generalização que a idéia de técnica pressupõe. Uma sessão neste estilo e sem grandes introduções certamente não fará sentido para o leitor, a menos que este seja introduzido nos bastidores para conhecer um pouquinho da história desta análise. No entanto, faz sentido para a dupla analista-paciente, tendo-se revelado com esta pessoa um estilo profícuo. Assim, embora não chegue a ser representativa, acredito que esta sessão seja de interesse para movimentar uma discussão sobre estilo clínico.

A paciente chega satisfeita com seu fim-de-semana. É sempre uma surpresa seu humor na segunda-feira. A satisfação aqui tem vários conteúdos: não brigou com o pai, esteve amigavelmente com o Zé etc. Isto ainda não faz qualquer sentido no campo transferencial para mim. Ela precisaria falar mais para que eu pudesse começar a escutar. No entanto, ficar em silêncio depois de tudo o que ela contou, e, especialmente no tom afetivo em que fez não me parece apropriado. Quando eu digo: "Está contente..." meu objetivo é mostrar-me receptiva a seu estado emocional, ao mesmo tempo em que a convido a prosseguir na direção que melhor lhe

aprouver.

A direção escolhida surpreende-me apenas um pouco. Com o tempo, fui notando que é comum a paciente associar sentimentos leves e agradáveis com ser boba, enquanto viver constantemente sob tensão, atenta à possibilidade de ser enganada é ser esperta. Assim, a palavra contente, inofensiva para outro paciente, para ela se reveste de forte valor emocional. A paciente se retesa, e associa imediatamente a possibilidade de ter sido babaca. Graças à isto começa a despertar minha escuta analítica, ainda em fase de aquecimento. Instintivamente, já sei que tanto a escuta quanto a próxima interpretação deverão considerar este fato. É pouco, mas é um começo.

Digo "Contente, babaca..." A sessão apenas se inicia, de modo que não saberia dizer mais do que isto no momento. Procurando trabalhar "sem memória", deixo de lado as muitas coisas que sei sobre esta paciente e considero apenas o material desta sessão. Ainda não me é possível maior compreensão. Evidentemente, quando uma associação se me impuser a partir do material não a descartarei para "trabalhar sem memória". Deixá-la-ei penetrar-me para utilizá-la como elemento vivo do trabalho interpretativo.

Eu poderia oferecer esta mesma interpretação de forma bem mais elaborada, e sem dúvida correta no contexto. Uma formulação aproximada seria: quando ela se dá conta de estar contente em minha presença, é perturbada por algum aspecto que insinua ser ela babaca. A interpretação incluiria a experiência emocional de "estar contente comigo", a angústia, a que chamaríamos provisoriamente de "uma aproximação calorosa com a analista" e a defesa, "um retraimento e a suspeita de "ser babaca". Poderia, mas conhecendo minha paciente, imagino que ela passaria a analisar, a contestar, a argumentar cada pedacinho de minha interpretação. O efeito interpretativo buscado estaria irremediavelmente perdido. Não se trata de bola de cristal mas da experiência lentamente acumulada ao longo destes meses - por que não aprender com a experiência? A interpretação seguinte à suposta argumentação da paciente poderia enforçar descritivamente o movimento emocional, isto é, sua maneira de desentender a interpretação e o motivo para isto. Mas ela talvez concluisse, não sem alguma razão, que nas entrelinhas

da interpretação há uma crítica ao “desentendimento” e uma expectativa de que entendesse “adequadamente” a interpretação. Ora, se existisse uma compreensão “adequada” de uma interpretação estaria impugnando o próprio conceito de interpretação, estaria impugnado o próprio conceito de transferência!!

Esta construção, aqui hipotética, provém, com disse, de experiências anteriores com ela. Estas levaram-me a concluir que este tipo de paciente requer outro estilo interpretativo, que minimize sua possibilidade (defensiva) de “esquartejar” intelectualmente a interpretação. Por todas estas razões prefiro apenas justapor os termos mais fortes de sua fala, sem conexões sintáticas a que ela possa se agarrar para racionalizar. Isto a “obriga” a deparar-se face a face com termos que provocam emoção, não no sentido piegas, mas no sentido de movimento emocional, termos que cutucam sua organização defensiva, e que obrigam a uma reorganização emocional - que seguiremos atentamente. Poe sabia, ao construir seu poema, do efeito emocional que a repetição do refrão *Never More*, palavras por si bastante carregadas, aplicado a contextos significativos diversos, produziria no leitor.

Analogamente, não apenas as palavras contente, babaca são, em si mesmas, carregadas emocionalmente, mas também para uma pessoa cuja fala é tão estruturada, a própria falta de estrutura da minha interpretação já é perturbadora, já a situa (à interpretação) em outro campo. Dizendo-lhe apenas isto, coloco em evidência para a paciente como ela vive “o estar contente” e fico novamente à espera da direção que imprimirá à nossa conversa.

Após a interpretação, assustada ao se ver refletida na fala da analista desta maneira - “esta sou eu?” - recua e diz um tanto sem-graça-brincando que só falou para mostrar que não perdeu o senso crítico. A emenda fica melhor que o soneto, porque aqui, novamente, a escuta analítica treinada detecta algo importante, e parece-me que numa linha semelhante ao contente-babaca. Formulo-me quase sem perceber, a pergunta que sem dúvida não se coloca para ela: “e qual o problema de perder o senso crítico?” O que é “senso crítico” para ela, que não deve ser perdido em hipótese alguma?”

Esta é, sem dúvida, uma auto-representação central

para ela, à qual está fortemente aderida, e que, sabemos, será colocada em crise pela análise. O destino do senso crítico é ser perdido um pouco, para que ela experimente como é “não ter senso crítico”, e, despojada temporariamente desta representação central, descobrir que continua sendo Carla. E, quem sabe, descubra também que não ter tanto senso crítico torna a vida mais divertida.

Algum leitor teria com razão questionado, dois parágrafos acima, por quais misteriosos caminhos a escuta analítica detecta que algo é importante no discurso do paciente. A bem da verdade, a importância que dou à frase “só para mostrar que não perdi o senso crítico” tem alguma história. Provavelmente este assunto nunca tivesse aparecido antes, passaria despercebido nesta sessão. Mas apareceu antes e de tantas maneiras diferentes e no entanto iguais, que acabou se constituindo para minha escuta numa pequena teoria. O assunto senso crítico provoca angústia, defesas específicas, modos de relacionamento, resistências. Provoca também o prazer de exhibir-se esperta, de humilhar o outro com sua esperteza, de auto contemplar-se esperta.

Convido o leitor a acompanhar o nascimento desta pequena teoria. Um dia ela conta que estava muito brava com o pai que não lhe tinha dado um carro novo, conforme prometera, e seu carro estava novamente quebrado. Foram juntos à oficina e lá ficou furiosa com o mecânico que não teria, em sua opinião, feito um bom serviço. Armou um grande escândalo com os dois, e depois descobriu que o carro estava funcionando bem. Envergonhada com o escândalo e com a baixaria, pediu mil desculpa aos dois, e depois mais desculpas, e outras mais. Até o momento eu vinha acompanhando silenciosamente o movimento mental que me era dado ver através desta historinha: ela vai se enfurecendo num crescendo, até um fortíssimo, e então ela se envergonha e vai amansando até chegar à humilhação auto imposta. Minha interpretação não considerou os muitos e interessantes conteúdos do material, mas apenas o movimento musical descrito. Interpretei: “Depois da tempestade vem o boi manso”. Pura descrição que, no entanto irritou-a profundamente. Respondeu-me, ríspida, “boi manso nunca, no máximo touro em trégua!!”. Levei um susto, não imaginava

atingir uma área tão sensível. Talvez imaginasse, se pensarmos em termos de inconsciente do analista. Mas não é o que me importa discutir aqui. Importa mais que esta reação informa que temos aí uma área resistencial importante, que vai não apenas ser objeto de análise, como permitir que ela ocorra.

Falávamos de contente-babaca, e do medo de perder o senso crítico, quando convidei o leitor a assistir a um nascimento sui-generis, da pequena teoria que não só orientou como na verdade permitiu minha escuta durante esta e outras sessões. Bem sei que ela nada tem de especial, e que é fácil detectar seu legítimo parentesco com várias teorias conhecidas. Mas tem a vantagem de estar sendo feita aos poucos e sob medida para Carla.

Dizia, então, que tendo detectado aí algo de importante, o ponto de angústia, cabe agora considerá-lo na próxima interpretação. Mas, em que consiste exatamente este “algo importante”? Na verdade ainda não sei, talvez a paciente saiba sem saber que sabe. Não é esta, afinal, a grande descoberta de Freud? Procuo, então, alguma formulação que permita à paciente dizer o que sabe. Digo “Que medo de perder o senso crítico!”, num tom que pretende ser receptivo a este medo, seja lá o que for. Cuido de não oferecer rapidamente um tradução para “senso crítico”, embora até me ocorram associações teóricas. Seria uma pena saturar a comunicação com uma tradução teórica, necessariamente genérica, quando estamos à procura do que é específico de Carla. Confio, então, que se eu puder esperar, algum dia ela mesma terá várias versões do que é “senso crítico” para ela.

Esta interpretação traz à tona o material à espera do qual eu estava. Surge uma associação livre, a expressão do desejo, a fantasia inconsciente, a criança dentro do paciente, tantas são as maneiras de nomear o objeto psicanalítico!

Vejamos.

Volta à cena a mariposa. A mariposa, cuja entrada queria evitar, representava há poucas sessões algo negro, sinistro, que a assustava, que roubava seu espaço confinando-a a um cubículo, impedindo-a de fruir a vida, à sombra de suas negras asas. Impotente, só lhe restava fugir. Nesta sessão um ato falho esclarece mais um tantinho a respeito da natureza da mariposa:

é também uma raposa, dado que será acrescentado no devido tempo à pequena teoria recém-nascida. Deixo à imaginação do leitor examinar as possibilidades interpretativas que se nos abrem (3).

Gostaria de deter-me sobre um ponto que sempre me intrigou, qual seja, a natureza do já mencionado objeto psicanalítico. Embora o conceito de inconsciente seja aceito por todos os psicanalistas, há sem dúvida maneiras diversas de compreendê-lo. Não se trata de uma discussão acadêmica, como poderia parecer à primeira vista. É certo que os vários inconscientes produzem práticas diversas. Minha compreensão, que passo a expor, tem a marca do trabalho de Isaías Melsohn - *Crítica ao conceito de inconsciente* (6). Ora, qual a diferença entre mariposa e raposa? Em certo sentido, nenhuma, pois ambas são apenas metáforas de um referente que não existe. Se o referente existisse, teríamos que admitir uma tradução do tipo “a mariposa é isto, a raposa é aquilo”, e a psique perderia seu estatuto de inefabilidade. Passaria a ser uma psique reificada, e os objetos internos, que se supõe serem apenas matrizes produtores de representações várias tais como raposa e mariposa passariam a ser “coisas em si mesmas”. Assim, embora a psique não exista concretamente, produz mariposas e outros bichos que assustam de verdade. Creio que não há, pois, dificuldade em mantermos a inefabilidade como essencial à natureza do objeto psicanalítico.

Por outro lado, não podemos em virtude da natureza inefável da psique concluir que ela seja incognoscível. A Psicanálise perderia sua razão de ser no momento mesmo da descoberta do inconsciente!! Daí que representações como mariposa ou raposa sejam para nós da maior importância pois são tanto o produto quanto o acesso ao inconsciente. “Raposa” expressa algo diferente de mariposa, é uma faceta diferente daquilo que, embora incognoscível em si mesmo é perfeitamente cognoscível através de suas representações. Para Freud o inconsciente é cognoscível por meio de suas produções: sintomas, sonhos, atos falhos. Para Klein, a totalidade do discurso do paciente é entendida, é ouvida pelo analista como expressão do inconsciente, como fantasia. Para Bion, é com as transformações que podemos trabalhar, uma vez que não podemos conhecer o “O”.

E o que nos diz “raposa”? Uma vez que afirmamos acima que, sendo o inconsciente inefável não admite traduções do tipo “isto quer dizer”..., seria interessante que não nos apressássemos em atribuir qualquer sentido mais definido, preciso ou específico à expressão raposa. Metáfora que é, deixemo-la rondar e produzir outras idéias e associações, da mesma forma que deixáramos a metáfora mariposa esvoaçar em torno de nós, desdobrando-se em vários sentidos. Aliás, é justamente o fato de não caber uma tradução do tipo “raposa é isto”, que possibilita a atividade interpretativa. Escutei raposa no contexto desta sessão que por sua vez se insere num contexto de vários meses de trabalho analítico. Entrementes, camadas de material clínico e de interpretações que traziam à tona mais material clínico foram engordando aquela pequena teoria que se ia tecendo aos poucos sobre Carla, ou melhor, sobre seu inconsciente. É difícil descrever este contínuo teorizar que ia nascendo da clínica e dialeticamente, produzindo-a.

O Campo da Esperteza

Graças à raposa revela-se subitamente um campo emocional cujos pressupostos organizavam os diálogos e a experiência vivida, estando eu semi-ciente disto. Este campo é suficientemente viscoso para, graças ao desconforto provocado, alertar-me quanto ao perigo de nele ficar atolada. O material associativo era obscuro, embrenhado num matagal defensivo, o qual, no entanto, revelava a fragilidade do terreno.

Gostaria de esclarecer que não penso que ela tenha dito raposa por efeito do campo da esperteza, no sentido de causa-efeito, nem que assim o nomeamos em função do ato falho. Talvez ela pudesse ter dito elefante no lugar de mariposa. Neste caso, o campo seria ainda o da esperteza (esperteza paquidérmica?) pois este se revela por relações de objeto que trazem, de alguma maneira, a marca da esperteza-burrice.

Talvez tão importante quanto o significante, seja a própria insinuação furtiva de uma palavra inesperada em meio a uma frase, driblando a almejada coerência, desejo driblando a razão. De qualquer forma, mais do que descobrir o sentido do ato falho, interessava-me seguir o trabalho psíquico desencadeado por sua

interpretação. Como veremos adiante, sua reação, sentir-se “burra” de repente, confirma que é neste campo mesmo que estamos. Nele assumem formas específicas certos modos de ser, de sentir dor e prazer que são só de Carla. Seu jeito de conversar, de beber, de ser gauche na vida (à Drummond), configuram este grande campo emocional.

Cabe aqui uma observação. O uso da teoria dos campos, de Fábio Herrmann (4), envolve o reconhecimento, pelo analista, do campo emocional específico que sustenta as relações entre Carla e seu mundo, onde se inclui a analista. Evidentemente, a mente é complexa, são vários os campos que se estabelecem. Aqui nomeio apenas um, por ser o que até o momento atual desta análise mais se destacou e predominou. Seria, pois, um contra-senso congelar e reduzir a vida emocional desta paciente ao recém visualizado campo da esperteza. Ao mesmo tempo é importante destacar que no campo da esperteza as relações identificatórias de Carla tem mobilidade, circulam num elenco de auto-representações variadas, mas pré-determinadas, restritas pela natureza de seus objetos internos. Assim, ela não é apenas esperta.

Tomando a fábula como modelo, é raposa faminta ou maldosa, esperta mas incapaz de voar como o corvo, solitária ou invejosa. Mas também é corvo, desprezado e invejado, feio e vaidoso, abre o bico e tal como o peixe, morre pela boca, embora também só sobreviva se abrir o bico. É o queijo que se perde, que passa do ponto, que é comido por quem não devia. Pode ser a árvore que assiste impassível, desesperada ou impotente ao desenrolar de seu próprio drama. Espero ter deixado claro que o campo da esperteza sustenta as mais variadas relações, dentre as quais ser esperta, além de ser apenas uma das possibilidades, demanda que se diga com que e como.

Deixando La Fontaine e voltando a Carla, o campo emocional aqui batizado de campo da esperteza era responsável, como não podia deixar de ser, por grande sofrimento. A contradição essencial do desejo estava à flor da pele. A necessidade de mostrar-se esperta em seu relacionamento comigo praticamente paralisava seu discurso. Dava voltas e mais voltas atrás do próprio rabo, e ao cabo de algum tempo ficava exausta pelo esforço inútil, e frustrada pela distância abissal

que interpusera entre nós, quando tudo tinha começado numa tentativa de se aproximar, de ser admirada e amada por mim. “Ontem fui tomar café na padaria com X, que é terapeuta. Ele contou que atende 100 pacientes por semana, que alguns pacientes são muito chatos. Fiquei completamente transtornada com a revelação. Era com você que eu estava? Estou com medo de ser chata? Estou querendo invadir sua privacidade? Ser íntima? Por que me senti daquele jeito? Por que...? (O leitor há de se recordar que ela tem dez anos de experiência como paciente). Tudo isto não era dito angustiadamente, mas aos poucos, sopesando cada questão, procurando respostas perspicazes que correspondessem à sua vivência. No entanto as questões não se desdobravam em novas associações, evidentemente não havia conclusões possíveis, e a paciente ia dar num beco sem saída, onde encontrava a raposa.

Um dos propósitos deste modo de ser era certificar-me de que seu senso crítico e sua inteligência permanecem íntegros, intactos pela psicanálise. Estamos agora no campo da sobrevivência emocional, no temor de se misturar com a analista, perder sua individualidade. É um novo campo que se esboça, e que alguns meses mais tarde, pôde se constituir com muita força. Através dos mais variados assuntos - trabalho, amigos, festas, homens - o clima emocional criado era de que ela podia viver a vida com minha cabeça, meus valores.

Mas isto é mais tarde. Por enquanto ela se apavorava com a idéia de perder o senso crítico, e a psicanálise, por ser tão maravilhosa, era também perigosa. Ela decerto concordaria com interpretações desta ordem. Corremos o risco de um insight racional, e ela começaria interrogar-se sobre o por quê teme que a psicanálise lhe roube o senso crítico, voltando a ciranda que havia dado origem à “interpretação”. A maneira que encontrei para escapar a este tipo de armadilha foi deixá-la correr atrás do próprio rabo até que perceba que não foi a lugar nenhum, ou intervir de maneira a causar certo impacto emocional, “falando diretamente aos sentimentos” (5), não dando chance para nova mediação racional. “Começamos tomando um café gostoso, e agora, onde estamos?”

Falava muito sobre o relacionamento de seu pai, viúvo. Contou certa vez que quando pequena ganhara

um presente inusitado de seu pai. Eram ações, presente de gente grande. Ficara feliz, sentindo-se importante. Uma prima exclamou: como você é boba! Você pensa que estas ações são um presente para você, mas seu pai só pensou em si próprio quando as comprou. Se pensasse em você, compraria um brinquedo, não acha? Esta situação se tornou paradigmática do “ser boba”: ser induzida a pensar, erradamente, que é amada. A prima-raposa...

Recentemente seu pai lhe pedira para organizar sua (dele) festa de aniversário. Ela até que estava curtindo a idéia, sentia-se importante. Furtivamente insinua-se a raposa: “Mas ele está apenas me usando!!”

Ao falecer a mãe deixara parte de uma herança que deveria ser repartida entre os filhos, e o pai relutava em fazê-lo. Havia sérias brigas familiares por este motivo. Um dia o pai chamou os filhos para distribuir os bens. O momento de alegria foi fugaz. Rápida e astuciosa, a raposa: “Não acredito, aí tem coisa, ele nunca ia fazer uma coisa destas. Homem, quando é generoso, é bom desconfiar”. Na ocasião lembra-me ter identificado esta herança materna a um anátema, “guarde-se de confiar nos homens!”

A raposa também era responsável por um tipo especial de prazer, que está no avesso do sofrimento. Um pequeno exemplo apenas, para não nos desviarmos demais da sessão. Um dia conversávamos sobre seu futuro profissional. Deveria dar mais aulas, batalhar mais alunos? Ou seria melhor dedicar-se mais em ampliar sua empresa de dar aulas em empresas. Talvez fosse mais interessante enfronhar-se mais na carreira universitária, fazer mestrado, doutorado... E elaborava cada possibilidade, achava prós e contras para cada uma delas: Lá pelas tantas, ela exclama: “Mas por que eu não arregajo as mangas, começo logo qualquer destas opções e paro de encher o saco?” Percebendo o prazer que extraía daquela nossa conversa (descrito como “encher o saco”), respondi: “Porque teria que parar de encher o saco, que é muito mais gostoso do que qualquer das opções”. Ficou pensativa e disse que era assim mesmo, que a parte mais gostosa era quando ela e seu sócio passavam horas e horas planejando, discutindo o destino profissional de ambos, e que agora sentia tanta falta de um interlocutor... Aqui, isto que ela chama de “encher o saco”, uma espécie de

masturbação mental, é extremamente prazerosa, embora acabe depois por gerar angústia, pois é paralisante.

Pois bem, quando ela disse raposa, tudo isto aflorou em mim. Situações vividas com a paciente, suas historinhas, enfim, dados que pairavam nebulosamente em meu pré-consciente (ainda se pode usar este termo tão *demodée*?) se organizaram em torno da palavra raposa. Evidentemente não da forma organizada com que exponho neste trabalho. O fato é que levei uma fração de segundo para interpretar “Raposa? Dizem que é um animal muito esperto.”

Terei sido precipitada ao não pedir associações à paciente? Poderíamos considerar o material anterior ao ato falho como sendo as associações? São questões que agora formulo. De qualquer forma acho que as coisas se passam assim, às vezes não dá tempo de parar para pensar quando somos tomados por um insight. Se não for produtivo, sempre há tempo de retomar, corrigir, buscar outros caminhos. Nesta sessão o rumo tomado sugere que a interpretação tenha sido produtiva. Produziu um movimento emocional que desembocou em novas associações. Não é isto que esperamos de uma interpretação?

A interpretação oferece minha associação entre o ato falho e parte da história desta análise. Poderia fazê-lo de modo bem mais elaborado, mostrando inclusive as conexões com o material do início da sessão, (contente-babaca, medo de perder o senso crítico) ou até com outras sessões. Imagino que seria uma interpretação “esperta”, e só restaria à paciente concordar com a demonstração da minha teoria sobre ela. Seria produtivo, no sentido dado acima? Repetiríamos o beco sem saída, a analista atolada no mesmo sistema da paciente. Dar interpretações “espertas” é uma tentação constante, afinal este campo, como disse, tem um alto “coeficiente” de viscosidade. Por outro lado não posso temê-lo em demasia, senão, como experimentar em minha própria pele a terrível sensação de paralisia de Carla?

Penso que a formulação oferecida tem a vantagem de ser aberta, (outro termo tão ouvido...), quer dizer, a paciente realmente pode fazer com ela o que quiser, embora sua resposta seja necessariamente restrita pela

qualidade específica de suas relações de objeto. Podemos imaginar vários destinos para minha fala. A paciente pode discordar da minha associação e oferecer outra mais pertinente, pode complementá-la, espantarse, irritar-se, admirá-la, desprezá-la, ignorá-la, ou nenhuma das anteriores.

Foi o que aconteceu. A paciente ouviu e imediatamente se sentiu “burra”, (“Não estou entendendo mais nada”) a analista transformada em raposa de repente. Pensando bem era provável que isto acontecesse, se é que vamos dar algum crédito à proto teoria sobre o funcionamento mental de Carla.

Ocorre que durante a sessão não captei de imediato este movimento. Ela disse que não entendia mais nada, e eu repeti a interpretação no intuito de esclarecê-la, talvez minha formulação tivesse sido confusa, ou infeliz. Neste momento “afundo”, por assim dizer, no campo da esperteza, aderida momentaneamente aos pressupostos de Carla, concordando com ela que é insuportável deixar de compreender - o conluio.

Na verdade como se vê no material, não repeti exatamente o que dissera, mas acrescentei várias informações por meio de uma imagem. Disse-lhe que ela gostaria de deixar a raposa de fora, frase que embora aluda ao conteúdo manifesto de sua fala “Fechei a janela, a raposa não entrou”, tem para minha escuta o sentido de lutar contra este objeto-raposa que impede o contentamento. Amplio esta idéia, dizendo que a raposa come as galinhas, os pintinhos... Aqui deixo-me levar por uma imagética infantil, de desenho animado e fábulas adormecidas em algum canto de mim mesma.

Talvez este movimento de me abandonar a estas imagens “em pleno trabalho”, esteja ligado a certo aspecto da paciente que “não brinca em serviço”. Para ela, tal frase deve soar um tanto transgressiva do bom comportamento analítico, o que se choca a sua crença no bom comportamento pacifista. Já a surpreendemos, aplicada, tentando compreender transferencialmente a cena do café na padaria.

Quero dizer com isto que o efeito interpretativo talvez esteja mais no meu “mau” comportamento do que no conteúdo “raposa come pintinho”, como saber? A idéia era má: pintinho representando um broto de vida,

algo que desperta ternura e outros sentimentos que ela talvez considerasse bobos. No entanto fazem parte de “deixar-se ser criança um pouquinho”, tempero que tanta falta faz em sua vida. Para ser mais justa, “ser um pouquinho criança” é um tempero que ela não sabe usar. Por vezes erra a mão, carrega no tempero, e lá estão as pessoas a tratá-la como uma incapaz no sentido jurídico do termo. Certa vez numa festa bebeu um tanto a mais, bateu o carro, deu vexame. Pediu às pessoas que não a deixassem mais dirigir quando bebesse. E, de repente, para seu desagrado, lá estavam as pessoas a dirigir sua vida.

Digressões à parte, o que na realidade aconteceu foi que ela não ouviu nada sobre pintinhos e fábulas da minha infância. Tomada de angústia, e agora recorrendo a seus mecanismos de defesa obsessivos habituais, procura desesperadamente compreender, ser esperta para não ser devorada pela analista-raposa. A interpretação assinala delicadamente este movimento. “A raposa entrou...”

Neste momento da sessão não há mais sinal do contentamento inicial, substituído que foi por uma esperteza estéril e distanciadora. Insisto ainda sobre a forma dada à interpretação. Procura acompanhar um movimento defensivo mas não denunciar ou criticar a paciente por tê-lo feito. Equivaleria a chamá-la de “burra”...

Esta interpretação ela ouviu. Ouviu alguma coisa, não necessariamente o que eu quis dizer. Tanto que mudou o rumo da conversa, embora sem mudar de assunto. Fala do desfile de espertezas de ambos os lados, (analista e paciente?) de não ter estrutura (qual ouvido analítico não se deteria um pouquinho aí?), de vaidade, de mostrar que não precisa. E de burrice.

O que escolher? Acabo escolhendo “vaidade”, mas ainda no campo da esperteza. É interessante, porque esta é uma vaidade muito específica, é a vaidade de ser esperta que acaba por prejudicá-la. Não parece moral de fábula? (quem tudo quer, nada tem etc.).

Provavelmente devo tê-la ouvida deste jeito, porque para minha surpresa, eu comecei a contar uma fábula que continha exatamente estes dois elementos. A intenção era abrir espaço para um possível aspecto novo (a vaidade) do campo em questão. Há uma

associação visual minha no corpo desta interpretação. Trata-se da capa verde-abacate de um livro de fábulas onde meu zoom mental focaliza a imagem de um corvo deixando cair um queijo, deixando fora de foco justamente o protagonista da fábula, a raposa!

No entanto a paciente não parece muito interessada em vaidade e insiste naquilo que a preocupa: falta de estrutura, “Não posso atender a firma”. Isto remete minha escuta ao campo mais geral da castração.

Com isto há uma súbita iluminação de outros aspectos do material que ficaram de lado como o dinheiro do pai e o carro do cunhado. Carro e dinheiro são apenas representações, tanto quanto raposa e mariposa. O dinheiro do pai é alvo constante de cobiça, lhe é constantemente negado e motivo constante de atrito. Ou seja, pela constância, o tema dinheiro acabou por delinear um outro campo, paralelo ao campo da esperteza, onde horror à miséria é partilhado por pai e filha. Da mesma forma o carro do cunhado remete a outro tema constante, seu carro sempre quebrado, o desejo de ganhar um carro novo do pai, que sempre promete e nunca compra. Aqui também há atrito constante - “meu pai tem dois carros, só usa um, por que não me dá o outro?” Dinheiro, carro, esperteza, fazem parte do campo mais geral, e por isso mesmo menos específico, das fantasias de castração.

A interpretação reúne frouxamente os três assuntos que reconheço pertencerem ao mesmo campo. Como escutei o “não tenho estrutura” no campo das fantasias de castração do qual Carla ainda não emergiu, só posso concordar com ela. “É verdade, você não tem estrutura, nem dinheiro, nem carro”. Assim ela pode ouvir formulada um tanto cruamente sua fantasia de castração e opor-se violentamente a ela, agora como se fora um corpo estranho.

Um pedacinho do desejo de Carla se encontra agora desentranhado por efeito do trabalho interpretativo, e, como é natural, desgosta-lhe ver suas entranhas mentais à luz do dia. São estranhas, repulsivas. Defende-se como pode. Protesta, esperneia, duela, argumenta. Cansada, obrigada a olhá-las a contragosto, rende-se e pergunta encerrando uma sessão que já é abertura para outra sessão: “por que será?”

IV

Não tenho aqui a pretensão de uma discussão sistemática das questões levantadas no final da parte II. É possível, no entanto, formular umas quantas idéias a partir dos bastidores da sessão que acabamos de examinar com algum detalhe.

A questão que está na origem dos **Bastidores I** - estilos mais "técnicos" que partem de noções teóricas precisas e explícitas e estilos mais "soltos", aparentemente menos comprometidos com uma teoria - toma um novo desenvolvimento nos **Bastidores II**. O estilo clínico apresentado neste trabalho é tanto "solto" aparentemente menos comprometido com alguma teoria" quando "técnico, partindo de uma noção teórica precisa". O paradoxo é apenas aparente, como se verá adiante.

Retornemos a Poe. Ele nos mostra quanta arte é necessária para bem manejar seu instrumento técnico-teórico na execução de um poema. A "soltura", condição necessária para o efeito poético pretendido, é conseguida justamente porque há um domínio da técnica (a escolha do refrão, da sonoridade das palavras) que por sua vez está a serviço de uma concepção teórica clara (a extensão ideal do poema, a melancolia como tom emocional mais propício para o Belo).

No caso do trabalho analítico, a concepção geral que o norteia não é propriamente teórica, mas metodológica, como ficou esboçado no fim da parte I. Basicamente, o efeito de uma interpretação poderia ser formulado, à semelhança do efeito poético, como sendo da ordem de colocar em movimento as representações psíquicas do paciente de uma forma produtiva, produtiva de novas associações, de um novo trabalho psíquico.

Há também uma concepção teórica propriamente dita em vigor nesta fase do trabalho analítico. Uma teoria mais ampla, a teoria da castração, e uma proto-teoria em formação, mais específica, a que denominei campo da esperteza. Creio ter deixado isto claro na parte III. Estas duas teorias orientam temporariamente o campo da escuta analítica, que obviamente não é aleatória. Porém pouco respondem pela técnica específica a ser utilizada na formulação das interpretações.

Aqui entra o lado criativo e artístico do trabalho do analista nos bastidores: a busca de um estilo interpretativo que seja tecnicamente adequado para atingir o efeito metodologicamente determinado com cada "tipo" de paciente. Na verdade, nunca podemos estar seguros quanto a que produziu certo efeito interpretativo observado, embora seja possível imaginar o que seria contra-producente. Com alguma atenção às reações do paciente, acabamos por desenvolver um estilo apropriado. Os "erros", intervenções inoperantes ou com repercussão excessiva, são um guia precioso para a condução do processo analítico. A sensibilidade do analista e, não raro, protestos do paciente são os únicos parâmetros a nos orientar nesta busca criativa de um estilo.

Na Filosofia da Composição, Poe fala em "precisão e sequência rígida de um problema matemático". Estaria Poe realmente ciente de todas as sutilíssimas filigranas fônicas, lexicais e gramaticais que a linguagem poética trouxe à vida? Das inúmeras e engenhosas configurações de som-sentido que encontramos no tecido do poema?(9). Penso que não, sempre se diz muito mais do que o intencionado. Assim também no nosso trabalho. Os bastidores das reverberações do diálogo analítico podem ser retraçadas parcialmente, havendo sempre um tanto de ficção inevitável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. DIATKINE, R. (1991). Deux formes de pensée psychanalytique. *Revue Française de Psychanalyse*. 55(1): 209-211.
2. FIGUEIRA, S.A. (1987). Notas sobre o papel da teoria na formação do psicanalista. In: *Nos Bastidores da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Editora (1991).
3. FREUD, S. (1916). Parapraxias. Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise. S.E. XV. Rio de Janeiro: Imago Editora.
4. HERRMANN, F. (1979). Andaimos do Real: uma revisão crítica do método da psicanálise. São Paulo: E.P.U.
5. *ibid* (1991). Clínica Psicanalítica: A Arte da Interpretação. São Paulo: Editora Brasiliense.
6. MELSOHN, I. (1973). Crítica ao conceito de inconsciente.
7. MINERBO, M. (1987). Nos bastidores da sessão: sobre o trabalho de construção da interpretação. In: *Interpretação: sobre o método da psicanálise*. Org. de Sérulo A. Figueira. Rio de Janeiro: Imago Editora.
8. POE, E. A. (1846). A Filosofia da Composição. In: *O Corvo*. São Paulo: Editora Expressão (1986)
9. SANTAELLA, L. (1985). Edgard Allan Poe: Versos e Reverberações. In: *O Corvo*. São Paulo: Editora Expressão (1986).

LIBRO ANUAL DE PSICOANALISIS 1992

Coletânea dos melhores artigos publicados no *International Journal of Psychoanalysis* e *International Review of Psychoanalysis* no ano de 1992, traduzidos para o espanhol, e autorizada pela *British Psychoanalytical Society*. Este número tem como editor nacional o Sr. Elias Mallet da Rocha Barros e será editado pela Editora Escuta. Quem estiver interessado em reservar seu número ao preço de US\$ 20,00, valor inferior àquele a ser cobrado após a sua publicação, deve falar com Arafde, na Livraria Pulsional, tel.: 262.8345, até o início de dezembro de 1993.